

O LEGADO DE CÂNDIDO PORTINARI

Marcelo Conti

Corria o ano de 1954 quando o médico de Portinari o advertiu sobre os males que o chumbo das tintas que utilizava já interferiam em sua saúde. Obstinado, para não dizer teimoso, desobedeceu as ordens dadas para conter seu ímpeto, e tentou diminuir o ritmo de trabalho, e manteve sua freqüente agenda de viagens para dentro e fora do Brasil, e jamais deixou de pintar até o dia em que perdeu a guerra para o mal que o acometia. No próximo dia 6 de fevereiro de 2012 terão passados cinquenta anos da morte daquele que foi um dos principais artistas brasileiros de todos os tempos, com certeza nosso pintor que atingiu a maior projeção internacional.

Nasceu numa fazenda de café em 30 de dezembro de 1903, na cidade paulista de Brodósqui (onde hoje está um museu, na casa em que morou). De origem humilde, filho de imigrantes italianos, apesar de não ter cursado além do primário desde cedo manifestava uma vocação artística. Não por acaso, um grupo de pintores e escultores italianos que trabalhavam na região recuperando igrejas acabou por contratá-lo como ajudante, então com 14 anos de idade.

A partir desta primeira oportunidade, e até o dia de seu falecimento, Cândido Portinari percorreu uma trilha de aprendizado e de sucesso, resultando nos mais diversos trabalhos espalhados ao redor do mundo, reconhecidos e respeitados até os dias de hoje.

Foi ao Rio de Janeiro, e estudou na Escola Nacional de Belas Artes. Aos 25 anos já havia conquistado o prêmio da Exposição Geral de Belas Artes, de tradição acadêmica. Nessa mesma época foi à França, retornando dois anos depois, saudosos da pátria, e iniciando uma série de telas em que retratam o povo brasileiro.

A tela “Café” lhe rendeu uma segunda menção honrosa nos Estados Unidos, em 1935, na exposição do Instituto Carnegie de Pittsburgh. Uma inclinação muralista se revela a partir de painéis executados na Rodovia Presidente Dutra, e em afrescos no edifício do Ministério da Saúde, no Rio de Janeiro.

Tinha como companheiros poetas, escritores, jornalistas, diplomatas, o que lhe proporcionou participar de uma importante mudança na cultura do país.

A partir do final dos anos 30, uma série de aparições foram feitas através da participação em exposições no exterior e no Brasil, sendo que em 1939 o Museu de Arte Moderna de Nova York adquire sua tela “Morro”. Expôs individualmente no Instituto de Artes de Detroit, e também no referido Museu de Arte Moderna de Nova York onde recebeu os melhores e maiores elogios da crítica especializada.

Impressionado com a obra “Guernica” (Picasso), e sob impacto da Segunda Guerra Mundial, de volta ao Brasil realiza em 1943 oito painéis conhecidos como a Série Bíblica. Em 44, convidado por Oscar Niemeyer, inicia as obras de decoração do conjunto arquitetônico da Pampulha, em Belo Horizonte. Influenciado pela escalada do nazi-fascismo e pelos horrores da guerra, deixa reforçado o caráter social e trágico de sua obra, da qual citamos “Os Retirantes”, 1944, e “Meninos de Brodóski”, 1946.

Entrou para a política em 46 filiando-se ao Partido Comunista Brasileiro. Foi candidato a deputado em 1945, e a senador em 1947.

Em 47 retornou a Paris, onde participou da primeira exposição solo em território europeu. Por motivos políticos, exilou-se no Uruguai em 48 após ter passado por Buenos Aires e deixado sua marca quando expôs no Salão Peuser.

Recebeu em Varsóvia, em 1950, a Medalha de Ouro concedida pelo júri Prêmio Internacional da Paz, por ter executado o grande painel “Tiradentes”, que narra episódios do julgamento e execução do herói brasileiro que lutou contra o domínio colonial português.

Nos anos 50 já de volta ao Brasil, fez vários trabalhos encomendados. Em 1953 é inaugurada a decoração da igreja de Batatais, em São Paulo, para a qual Portinari fez telas sacras, um rico acervo preservado até os dias de hoje e que vale a pena ser visitado. Culmina com o painel “Guerra e Paz”, concluído em 1956, que foi oferecido pelo governo brasileiro e se encontra no hall de entrada dos delegados do edifício sede da ONU, em Nova York. Nesse mesmo ano viaja a Israel e expõe vários desenhos inspirados no recém criado Estado Israelense. Posteriormente os expôs em Bolonha, Lima, Buenos Aires, e Rio de Janeiro. Em 1959 volta a expor em Nova York, e em 1960 organizou importante exposição na então Tchecoslováquia.

Acometido por várias recaídas da doença que o atacara, em 1961 lança-se ao trabalho para preparar uma grande exposição a convite da Prefeitura de Milão.

Em fevereiro de 1962 falece aos 59 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro.

Mais que todas as palavras reunidas, no entanto, ficam a memória, o traço, a cor, e a mensagem. Para eternizar através dos tempos o rico legado deixado por Portinari, um orgulho para todos nós.

“Pinto a dor, a alegria, o trabalho, a miséria. O meu povo, enfim...” (Cândido Portinari)

Janeiro de 2012